

“Totem e Tabu”: notas de leitura dos primórdios da antropologia psicanalítica*

*Theophilos Rifiotis***

O presente texto é o resultado de um percurso que faz pensar num comentário de Gustave Flaubert, citado por R. Mezan (1986), acerca do seu método de trabalho: primeiro, colocar no papel tudo o que vem a mente, para a seguir cortar, reorganizar, suprimir e eliminar trechos ou páginas inteiras, de tal modo que, se seus editores lhe dessem tempo suficiente, acabaria por não escrever nada.

Ele foi escrito a partir de notas organizadas em torno de uma primeira reflexão sobre uma obra de Sigmund Freud, datada da primeira década deste século, intitulada *Totem e tabu* (TT). Consideramos o nosso texto como uma iniciação ao complexo campo da psicanálise, particularmente no domínio da antropologia psicanalítica. Assim, ele nos serviu de marco de uma estratégia discursiva ainda em construção: o olhar antropológico sobre a dimensão do inconsciente.

Questões preliminares

“No começo era o ato”: esta é a derradeira afirmação de S. Freud em TT. Com esta citação do *Fausto* de Goethe, conclui-se a obra que inaugura um dos mais importantes movimentos teóricos da história das ciências sociais: a antropologia psicanalítica. A partir desta citação, somos remetidos à uma miríade de questões relativas ao conhecimento psicanalítico e antropológico, conforme procuraremos mostrar ao longo dessa exposição.

Em primeiro lugar, o fato de que TT pode ser considerado como o *ato originário*, fundador de um novo campo do conhecimento. Neste mesmo ato a “ligação” e a “colaboração” propostas no prefácio de TT, entre a etnologia, a linguística, o folclore e a psicanálise encontram sua própria e primeira realização - um momento de síntese. Em outros termos, trata-se de uma obra cujo grau de complexidade é maior do que aquele de cada um dos campos do conhecimento que convergem para a delimitação deste espaço amplo, atualmente conhecido como antropologia psicanalítica.

A nossa leitura de TT tem a preocupação de se aproximar dos problemas de sua produção: as diferentes tendências culturais e científicas, em particular, que contribuem na formação de um conjunto social do qual o autor selecionará certos aspectos. No entanto, ao nos propormos a revisitar este ato originário, não pretendemos analisar em conjunto todos os seus aspectos e implicações para a construção de um campo do saber. O nosso interesse está dirigido particularmente para a análise de rituais e textos mitológicos relacionados com o “parricídio”¹.

** Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFPB e pesquisador do Centro de Estudos Africanos da USP.

Assim, trabalhamos mais detalhadamente o quarto ensaio de TT, "O retorno infantil do totemismo", onde essas questões são abordadas. Aliás, é sobre este ensaio que se concentra a maioria dos comentadores e estudiosos de TT.

A organização que demos ao nosso texto parece mostrar a situação fragmentária em que nos encontrávamos, face aos problemas que a antropologia psicanalítica coloca nas suas várias vertentes. De fato, ao optarmos por iniciar a nossa digressão pela passagem final de TT, estamos privilegiando uma leitura particular em detrimento da exposição da sua linha de desenvolvimento. Se assim procedemos não é por considerarmos este caminho o melhor em si mesmo, mas antes, por pensarmos que, nas condições em que se deu a nossa leitura, ele era preferível, por três razões:

a) como estamos nos introduzindo num campo de conhecimento, tenderíamos a analisar a obra a partir somente da nossa formação em Antropologia. No entanto, ao aceitarmos o desafio de estudar TT, nos propusemos a integrar a perspectiva psicanalítica, o que se reflete nos limites deste trabalho, o grau de conhecimento e capacidade atuais de manejo com o conceitual de psicanálise.

b) o nosso interesse específico, conforme nos referimos anteriormente, pela construção freudiana de uma origem para o social, a religião e a moral, tomando como base um "ato originário" desenvolvido no último ensaio da série que compõe TT.

Cabe ainda destacar que trabalhamos com uma tradução de TT, e que, seguindo alguns comentadores, pudemos observar diferenças com relação a outras traduções: de "interpretação da vida psíquica dos povos primitivos", subtítulo das edições francesas, para "semelhanças entre as vidas psíquicas dos selvagem e dos neuróticos" na edição inglesa de 1913; ou ainda de "medo" na edição francesa revisada para "pavor" na primeira edição, e "proibição do incesto" na referida edição inglesa. Terão sido apenas os títulos que sofreram mudanças, ou há mudanças que implicam em interpretações diferentes? Não podemos responder a esta questão por não termos acesso ao original, mas sabemos que as edições francesas apresentam este problema, ainda que a casa da edição procure minimizá-lo falando em "revisão", pois tivemos ocasião de ler as duas traduções. A análise detalhada do texto de S.Freud, seguindo todos os seus passos, pareceu portanto necessitar da leitura do original.

Finalmente, caberia ainda uma nota sobre as diversas posições adotadas pelos vários comentadores frente a este marco da antropologia psicanalítica. Qualquer levantamento bibliográfico sobre a produção relativa a TT, mostra claramente a sua posição central. De fato, criou-se em torno dele um campo no qual se configuram objetos de disputa e interesses específicos: ora negam-se as teses centrais de TT, ora nega-se mesmo a sua validade científica e guardam-se as "preocupações gerais"; ou ainda, ora ele é produto do processo terapêutico do seu próprio autor, ora trata-se de "desedipizar" a própria psicanálise (tomando o chamado Complexo Édipo como um código injetado pela psicanálise no inconsciente), etc. E sem considerar as contribuições de outros campos do saber que se encontram relacionados com as preocupações desta obra de Freud.

De um modo geral, à guisa de construção de um esboço dos problemas a serem tratados a seguir, propomos alguns elementos para justificar a escolha da citação "no começo era o ato" como fio condutor da nossa reflexão. É preciso ressaltar que a importância da obra de Goethe para a compreensão do pensamento freudiano nos foi sugerida pela leitura de *Freud: um pensador da cultura*, tese de doutoramento em

Filosofia defendida por R. Mezan (1986), que recorre a citações de Goethe, presentes na obra de Freud, para desenvolver as suas próprias interpretações. Assim, mesmo não existindo, a nosso conhecimento, nenhum estudo sistemático sobre a influência da obra de Goethe na obra de S. Freud, nos parece possível e útil destacar alguns elementos que permitem introduzir a nossa própria reflexão. Em primeiro lugar, o que se convencionou chamar de "romantismo". *Le mal du siècle*, a onda de suicídios que conheceu a Europa em acelerado processo de urbanização no século XVIII, a reação ao racionalismo, a colocação do indivíduo no centro do universo, a reação às normas sociais, a concepção da sociedade como restrição ao acesso à "felicidade". Em uma palavra: a negação da "realidade", ou melhor, apenas a aceitação das próprias "fantasias". Não são estes os elementos sobre os quais se desenvolveu a obra de Goethe intitulada *Os sofrimentos do jovem Werther*? Não é esta uma narrativa sobre um jovem apaixonado por uma mulher comprometida com o seu melhor amigo, e que, impedido de realizar seu desejo, resolve suicidar-se? Freud, com a descoberta do inconsciente, não nos coloca frente ao que se chama nosso "lado oculto", dando um sentido à recusa do "real", explicitando o caráter repressivo da sociedade, e situando o indivíduo no centro, pelo menos inicialmente? Nesté nível genérico e sob os aspectos levantados não se trata de num momento em que a produção científica de Freud poderia ser pensada como "adequada" à situação social: ao invés do suicídio, o divã psicanalítico...

Quanto às lendas sobre o mago e astrólogo chamado Dr. Fausto, que teriam inspirado Goethe, lembremos apenas que elas são, provavelmente, do século XVI, e que, segundo estas lendas, o mago teria negociado a sua alma com o demônio em troca dos prazeres e poderes terrenos. No *Fausto* de Goethe há uma aposta entre Mefistófeles e Deus, o qual afirma que Fausto, por suas próprias forças será capaz de triunfar sobre a "tentação". É a ação que salva, livrando Fausto, ao final, do inferno. Os prazeres e poderes que Fausto conhece através de Mefistófeles não o satisfazem plenamente. Somente a sua ação em benefício de outrem é capaz de tanto. No momento final, Mefistófeles ("aquele que não gosta da luz?") não consegue arrebatá-lo a alma de Fausto, que é conduzida por uma legião de anjos aos céus. É a inspiração do infinito e a ação que colocam o homem frente a uma contradição, que estaria na base da sociedade: a negação a si mesmo dos prazeres e poderes para voltar-se ao outro? Não estamos frente a uma crítica radical da "sociedade ocidental"? Não é a vitória da repressão sobre o desejo que fundamenta esta sociedade? A oposição entre o domínio dos prazeres e da realidade seria paralela a oposição entre princípio do prazer e da realidade, esta última responsável pela construção do social, altruísta, enquanto a outra seria egoísta. Freud é o maior crítico desta sociedade, ao denunciar o seu fundamento repressivo, e, ao mesmo tempo, o seu maior defensor, ao afirmar que sem a repressão ela não seria possível, e, conseqüentemente, nem nós mesmos e tudo do que nos beneficiamos, conforme escreve H. Marcuse (1963)?

Seguindo a linha de *Fausto*, a ação em relação ao outro é necessária para que o homem construa a sua existência; para que haja "salvação", o homem deve voltar-se para o outro, e não fechar-se sobre si mesmo, ou seja, sobre seus desejos. A relação com o mundo é sempre de ação criadora, pois ela coloca em confronto o mundo dos sonhos e desejos com a realidade externa. Aliás, a idéia de que no começo há um ato, lembremos de passagem, encontra-se também no texto do *Gênesis*: "No princípio criou Deus". Assim, Deus existe antes de tudo mais, e o princípio está marcado pela

ação criadora. Da mesma maneira, em São João encontramos “No princípio era o Verbo”, como afirmação de que havia antes de Deus, o qual pela sua ação criadora instaura o mundo. Este paralelo é interessante na nossa leitura, tanto porque se trata da criação da sociedade, como por estar em causa a primordialidade da ação sobre o mundo, sobre os outros homens.

Para concluir estas questões preliminares, gostaríamos de retomar a influência de Goethe sobre o pensamento freudiano. Poderíamos citar inúmeras passagens relatadas por especialistas na área da psicanálise onde esta influência pode ser evidenciada, e para cada uma delas poderíamos arriscar um comentário. Porém, para os nossos objetivos, parece suficiente citar apenas mais duas passagens particularmente interessantes a este respeito, as quais foram tiradas de *L'Autoanalyse de Freud* (ANZIEU:1985). A primeira citação de Freud refere-se à dedicatória de Goethe, em Fausto: “E as sombras queridas surgem, e com elas, como uma velha lenda esquecida, o primeiro amor, a primeira amizade”. Freud acrescenta-lhe o seguinte comentário: “O mesmo se pode dizer do primeiro pavor, do primeiro diferente”. Em outra ocasião, numa homenagem a Goethe, Freud retomará esta dedicatória, afirmando que ela “(...) poderia ser repetida com cada uma das nossas análises”. Temos aqui mais uma vez, a idéia de que, para Freud, o processo psicanalítico revela uma parte do inconsciente de onde emerge uma realidade “sublimada”, a qual o grande poeta teria expressado com especial clareza. Voltando-nos para a psicanálise, lembramos que neste campo do saber a noção de *regressão* ocupa uma posição fundamental, e que ela pressupõe uma ação, um *ato originário*, uma “realidade” anterior a sua manifestação na forma de linguagem, a qual seria uma “expressão”, ou seja segunda, em relação ao “real”. Ou ainda, trabalhando com dados de linguagem, palavra, sonho, a psicanálise pressuporia algo que lhes antecederse. De onde poderíamos concluir que o agir precederia toda forma de linguagem, e assim, toda formação social e simbólica. Estas inferências sobre a primazia da ação sobre a linguagem, confirmam-se pela homologia, pressuposta em TT, entre as atitudes e sentimentos estudados por Freud nas crianças e aqueles estudados pelos etnólogos dos primórdios da antropologia². C.G.Jung (1987:35), referindo-se a sua experiência pessoal, coloca o problema nos seguintes termos: “*Na minha infância as coisas ocorreram tal como pude observar mais tarde entre os indígenas da África: eles agem primeiro e não sabem absolutamente o que fazem. Somente muito mais tarde refletem sobre o assunto*”.

A aproximação “infância-primitivo” é uma das bases sobre as quais se desenvolve a argumentação de Freud em TT. Por mais discutível que ela se apresente para a antropologia, é a partir dela que a psicanálise se volta para os dados da cultura. Este é o eixo que liga dois campos do conhecimento e permite o desenvolvimento da antropologia psicanalítica.

“No começo era ...” a origem

Iniciamos aqui uma etapa mais sistemática da nossa reflexão, discutindo a idéia de que a referida citação de Goethe (“No começo era o ato”) pode ser entendida como uma “expressão”, entre outras, da perspectiva histórico-genética que guia o desenvolvimento de TT. De fato, a tese central de Freud nesta obra encontra-se no quarto e último ensaio, intitulado “O retorno infantil do totemismo”, cujo núcleo é a reconstrução de uma experiência do homem arcaico e de um “ato originário” sob a

forma da seguinte narrativa: (No estado primitivo da sociedade humana havia um pai violento, ciumento, que guardava para si todas as mulheres e que expulsava seus filhos à medida em que cresciam) "(...) *um dia, os irmãos expulsos se reuniram e devoraram o pai, o que colocou fim a existência da horda paterna. Uma vez reunidos, eles tornaram-se empreendedores e puderam realizar o que cada um deles individualmente, seria incapaz de fazer.*" (TT: 162 e 163)

Freud nos dá uma outra versão deste *ato originário* na forma de uma narrativa bem mais detalhada em *Ma vie et la psychanalyse* (BACKES-CLEMENT, 1977:355-56), claramente colocada nos termos que muitos chamariam de "romance familiar da humanidade". Vejamos a seguir esta versão do "parricídio originário": "*O pai da 'horda primitiva' tinha açambarcado como déspota absoluto de todas as mulheres, matando ou expulsando filhos, seus perigosos rivais. Um dia, no entanto, esses filhos associaram-se, venceram o pai mataram-no e devoraram-no em comum, a ele que havia sido o seu inimigo e simultaneamente seu ideal. Depois do acto, ficaram impossibilitados de tomar a sucessão, dado que cada um barrava o caminho ao outro. Sob influência do insucesso e do remorso, aprenderam a suportar-se mutuamente, uniram-se num clã de irmãos sob prescrições do totemismo destinadas a impedir a repetição de um acto semelhante, e renunciaram em bloco à posse das mulheres por causa das quais haviam morto o pai. Estavam agora reduzidos às mulheres estrangeiras. Daí a origem da exogamia, tão estreitamente ligada ao totemismo. A refeição totêmica era a festa comemorativa do acto monstruoso donde emanava o sentimento de culpabilidade da humanidade (pecado original) e com o qual haviam começado ao mesmo tempo a organização social, a religião e as restrições da moral.*"

Ao longo do nosso trabalho, voltaremos a nos referir a estas duas versões da proto-história da humanidade. O nosso interesse nesta parte do trabalho é o de refletir sobre esta reconstrução de um momento *originário*, procurando situar a importância que lhe atribui Freud.

Em primeiro lugar, é interessante para a antropologia destacar o fato de Freud ter recorrido ao estudo dos "povos primitivos", e não dos indo-europeus com os quais, supõe-se, estaria mais familiarizado. O próprio objeto de reflexão de Freud em TT é a questão das origens da sociedade, da religião e da moral, uma preocupação histórico-genética que o teria levado à referida reconstrução. Compreende-se, então, a busca de dados sobre as culturas que estariam mais próximas ao suposto *grau-zero* do processo de *hominização*, e assim percebe-se a presença teórica do evolucionismo.

Com relação às fontes de informação que servirão de base para a construção da narrativa do "ato originário", deve-se destacar que elas produzidas pelos etnólogos do final do século XIX e do início deste século. As principais fontes de Freud serão, sobretudo, os trabalhos de Frazer e Tylor, conforme evidenciam as constantes referências em TT. Trata-se de um período que, na história da antropologia, representa a conquista de um espaço científico, talvez pudéssemos até pensar, alegoricamente, numa Idade de Ouro da Etnologia, na qual os conceitos fundamentais estavam sendo formulados, e cuja marca era o trabalho especulativo baseado na utilização direta de fontes secundárias. De um modo geral, pode-se afirmar que Freud adotou sem reticências os postulados de base dos clássicos do

evolucionismo que formavam o referencial essencial da Antropologia nesta fase heróica (POIRIER, 1981:74).

Antes de discutirmos alguns aspectos da noção de grau-zero e principalmente de totemismo²³, subjacente à reconstrução freudiana de “horda primitiva”, é interessante destacar que Freud toma uma precaução, em longa nota de rodapé (TT:11-2): avisar ao seus leitores que os dados sobre os quais ele se baseou foram obtidos do estudo de populações que têm uma história, não podendo ser confundidas com a “horda primitiva”, muito embora entenda que elas estejam bastante próximas.

Quanto ao grau-zero, devemos lembrar que na época em que TT foi redigido considerava-se que os povos chamados “primitivos” eram uma espécie de “antepassados contemporâneos”, e que, através do seu estudo, poderia-se compreender a própria origem da civilização. Esta, aliás, nos parece ser a motivação de Freud ao se voltar para a etnologia. Por outro lado, em termos da história da criação de TT, o recurso a etnologia serviu para abrir para Freud um novo campo para a sua discussão com C.G.Jung, o qual, ao contrário de Freud, buscava explicar a psicologia individual pela psicologia coletiva. Para Freud, era a psicanálise que poderia contribuir para a explicação dos fenômenos coletivos. É o que ele procura demonstrar em TT, mostrando que a própria origem do social torna-se inteligível com aquele procedimento. Porém, para levar a termo esta demonstração, Freud necessitava de dados etnológicos que, além de lhe fornecerem uma base empírica, fossem tratados a partir da perspectiva evolucionista. Isto se adequava a sua preocupação de reconstruir a origem da sociedade, e explicar, pelos resultados da psicanálise, alguns destes mesmos dados, como é o caso do totemismo.

Freud toma como ponto de partida que o totemismo seria um fenômeno característico das religiões e sociedades “primitivas”, e, portanto, mais próximo do grau-zero que ele procura explicar. Para construir a sua explicação do momento originário, ele recorre ainda a duas outras idéias: a) a “refeição totêmica”, elaborada por W.R.Smith na sua obra *Religion of the semites* (segunda edição 1907); b) as conseqüências que J.J.Atkinson (*Primal Law*, 1903) tira das hipóteses de C.Darwin sobre o estado originário do homem, a “horda primitiva”. Deteremo-nos agora na questão do totemismo; as idéias de Atkinson serão discutidas na seção seguinte.

Conforme nos referimos anteriormente, as fontes antropológicas as quais Freud teve acesso, estão marcadas pela visão evolucionista, cujas principais teses foram negadas por trabalhos mais específicos, construídos a partir de informações obtidas diretamente, pelos próprios etnólogos. Em particular, a noção de totemismo como uma etapa necessária e universal, num suposto movimento linear de desenvolvimento das sociedades e das religiões (noção subjacente a argumentação de Freud em TT) foi completamente abandonada. Além disso, os trabalhos mais específicos sobre as religiões “primitivas” mostraram que o totemismo não poderia ser considerado comum a todas as formações sociais “primitivas”.

Pode afirmar-se que o problema fundamental que o totemismo colocou para os antropólogos foi o da continuidade entre um elemento natureza (animal, vegetal) e um grupo social. Na época em que Freud escreveu TT, a noção de totemismo tinha um valor distintivo entre as sociedades ditas civilizadas e primitivas: o totemismo era considerado como a marca dessas últimas. É com os trabalhos de C.Lévi-Strauss (*O Totemismo hoje e O pensamento selvagem*, ambos de 1962) que o totemismo deixa definitivamente de ser um índice de “primitividade” e mesmo de “irracionalidade”, e

passa a ser entendido como uma lógica particular, diferente: uma lógica da finitude e da circularidade, nos termos de Lévi-Strauss. A grande inovação daquele autor foi a inversão dos termos em que o totemismo era colocado: não se trata de um animal, ou vegetal, *bom* para ser comido e por isso *bom* para ser pensado, mas, ao contrário, trata-se de um animal, ou vegetal, *bom* para ser pensado (Cf. *O Totemismo hoje* cap. 3). Esta mudança de perspectiva equivale a considerar o totemismo como uma ciência "primitiva", um sistema de classificação que faz corresponder diversos elementos da cultura a elementos da natureza.

As teorias do final do século XIX, ainda segundo Lévi-Strauss, seriam fruto dos preconceitos hegemônicos nas sociedades onde o "pensamento cristão" seria dominante, podendo-se considerar que estas teorias seriam como "projeções" de atitudes mentais que exigem a descontinuidade entre o homem e a natureza. A análise feita por Lévi-Strauss do totemismo representa o ponto de vista aceito pelos antropólogos. Entretanto, alguns estudiosos, como Jacqueline Roumèguère-Erberhardt, têm se dedicado ao estudo do totemismo com interesses históricos, visando a estabelecer uma "geografia totêmica" no continente africano, ou seja, a reconstrução da história das migrações a partir de pertença a grupos totêmicos⁴.

Sabemos que a etnologia traz a Freud os casos de "refeição totêmica" citados por W.R. Smith e por Frazer. Aceitando a hipótese de Smith, Freud toma como dado que a chamada "refeição totêmica" é uma característica "muito significativa" do sistema totêmico (TT:161). Sabemos atualmente que os casos citados por Freud são praticamente *todos* os casos existentes, e que a maioria dos sistemas totêmicos não comporta este ato sacramental ("refeição totêmica"). Portanto, tomar estes casos como suficientes para a demonstração da tese de Smith demonstra, no estado atual dos nossos conhecimentos sobre a matéria, a fragilidade da argumentação de Freud.

Devemos considerar ainda que é justamente sobre este ponto da análise do totemismo que se colocaria, em TT, a contribuição da psicanálise. O elemento aduzido pela psicanálise na discussão do totemismo em TT é a significação da zoofobia, que também tinha sido observada em situações clínicas em certas crianças. Freud cita três casos de crianças em que a fobia por um animal representaria um deslocamento da parte agressiva da ambivalência em relação ao pai para um animal (TT:146-153). A discussão destes três casos levariam a demonstração, à "luz" projetada pela psicanálise sobre o problema do totemismo (TT:146), de que o sistema totêmico seria regido pelo princípio do *deslocamento*: o animal totêmico sendo designado como ancestral do clã poderia ser, como no caso do animal fóbico, um substituto do pai. Para isto convergem o fato de nos dois casos haver uma ancestralidade e uma relação ambivalente: a ambivalência, no caso do clã em relação ao pai, seria deslocada para um animal.

Assim, muito embora tenha partido de uma premissa que não possa ser aceita atualmente, a conclusão de Freud poderia ser guardada como uma possibilidade de explicação, não do sistema totêmico em geral, mas no modo pelo qual esta experiência seria vivida pelos membros do grupo totêmico. Por outro lado, esta tentativa de explicação do totemismo nos revela uma face da argumentação de Freud: estabelecer que a zoofobia infantil e o totemismo seriam experiências construídas a partir do complexo de Édipo, ou seja, que uma primeira fase do desenvolvimento de um indivíduo pode ser comparada a uma suposta fase inicial da humanidade. O que nos coloca então frente a uma hipótese filogenética.

Seguindo a argumentação de Freud, teríamos que considerar os meios pelos quais certos estados psíquicos, como o sentimento de culpabilidade, oriundo do assassinato do pai da horda primitiva, ou o significado do animal fóbico e totêmico, seriam transmitidos de uma geração à outra. Em TT, esta questão é resolvida pela compreensão dos caracteres inconscientes da cultura (costumes, cerimônias preceitos, etc.) que teriam sobrevivido à atitude primitiva frente ao pai, e teriam sido transmitidos de geração em geração como um legado afetivo. O que equivale dizer que é o aparelho psíquico que constrói significados, e que a "repressão" não consegue aniquilar, ao nível do inconsciente, os traços deixados pela geração anterior. Além do mais, diz Freud, não há como pensar que cada geração teria que aprender tudo novamente sobre a vida, sem ter em conta o que lhe legaram seus ancestrais.

Atualmente, quando se fala em "herança" distingue-se de imediato a herança biológica e a cultural, embora a precisão terminológica nos obrigue a abandonar o próprio termo de herança, posto que não haveria uma analogia direta entre os processos biológicos e sociais. Além do mais, no início do século XX não havia uma teoria genética estabelecida. Deve-se ter em conta que, apesar das descobertas de Mendel datarem de 1886, somente nos anos trinta deste século a teoria dos cromossomos adquiriu uma comprovação científica. Temos hoje uma ciência genética bastante desenvolvida e que não fornece nenhuma base à idéia de herança de disposições psíquicas como caracteres adquiridos. Assim, a herança de um sentimento de culpabilidade que teria se originado após o assassinato do "pai tirânico" pelos filhos, carece de qualquer fundamento científico.

Voltando ao que Freud chamou "retorno infantil do totemismo" ou seja, a explicação do Complexo de Édipo a partir de uma *herança* do parricídio originário, lembremos que são as hipóteses de Lamarck (1809) que servem de fundamento a tese de "herança do sentimento de culpabilidade". Estas hipóteses eram amplamente aceitas no meio científico do início do séc. XX, quando as bases da genética de Mendel (1886) ainda não tinham nenhuma comprovação científica. Freud tem ainda em apoio a sua tese a "lei da biogenética fundamental" de Haeckel (1828), que se superpõe de modo adequado a hipótese da herança de caracteres adquiridos: a ontogênese recapitula a filogênese, o que pode ser entendido do seguinte modo: cada indivíduo, na sua inserção na cultura, repetiria as etapas do desenvolvimento da espécie. Assim, o evento inaugural da humanidade, descrito por Freud nos termos de um parricídio, seria revivido por cada indivíduo no âmbito de sua experiência particular, reproduzindo-se deste modo as características e os momentos da reconstrução freudiana da "horda primitiva". A teoria filogenética explicaria, portanto, a perpetuação do quadro edípiano observada nos casos analisados por Freud.

Para se avaliar a importância destas questões para a linha de argumentação de Freud, lembremos que D. Freeman (1976) considera que toda a posição defendida em TT repousa sobre este "postulado fundamental": a herança de um sentimento de culpabilidade originado do assassinato do pai da "horda primitiva". Ocupando uma posição tão importante na argumentação de Freud, poderíamos nos perguntar qual repercussão teria sobre TT o desenvolvimento da genética. Sabemos que Freud, ao tomar conhecimento de que a ciência genética não verificava as hipóteses de Lamarck, não abandonou a idéia da hereditariedade, *postulando* uma explicação

filogenética “por razões psicológicas”. Assim, a questão da herança do sentimento de culpabilidade não seria mais ligada as hipóteses de Lamarck, mas a uma explicação de ordem psicanalítica.

Tentaremos resumir este problema da seguinte maneira: a herança do sentimento de culpabilidade ocupa uma posição central em TT, e, ao negar-se a validade das hipóteses (lamarckianas) que a sustentavam, Freud cria um substituto para elas, sem, no entanto, desenvolver as razões (“psicológicas”) que o teriam levado às explicações filogenéticas. O que é mantido por esta substituição é o que se chama em matemática de *solução de continuidade*, ou seja Freud procura garantir, através da teoria filogenética, uma ligação entre as situações edípicas observadas pela experiência psicanalítica e a situação originária do homem que ele estabeleceu com a sua narrativa da “horda primitiva”.

Além do mais, as hipóteses lamarckianas forneciam um fundamento para a ampliação do espaço heurístico da psicanálise, posto que as descobertas deste campo do saber seriam válidas para além dos eventos patológicos que estão na sua origem, e também ultrapassariam os limites de validade de um período de uma cultura particular, onde a psicanálise teria sido criada, dando-lhe um caráter mais universal, e, portanto, científico.

Há outros problemas que devem ser levantados na busca de reconstrução das origens desenvolvidas em TT. Deixando então de lado a questão da hereditariedade, poderíamos nos voltar agora para os outros elementos a que Freud recorre para a elaboração da sua narrativa da “horda originária”. Em primeiro lugar, lembremos as bases desta narrativa: a etologia (C. Darwin e a sua hipótese sobre o “estado primitivo” do homem), e uma extensão para o caso humano proposta por J.J. Atkinson. Freud cita em nota de rodapé (TT:163) a versão de Atkinson da “horda primitiva”, que reproduzimos a seguir: *“Um bando de jovens irmãos, vivendo juntos sob um regime de celibato forçado, ou no mínimo num regime de relações poliândricas com uma única mulher cativa. Uma horda ainda fraca, por causa da imaturidade de seus membros, mas que adquirirá com o tempo uma força suficiente, e isso é inevitável, e terminará graças aos ataques combinados e sem cessar renovados, por arrancar do tirano paterno ao mesmo tempo a mulher e a vida”* (Primal law, p. 220-21)

Este quadro da situação primitiva da humanidade foi composto por Atkinson tomando como referência a descrição do comportamento de certo tipo de gorilas, formulada como uma hipótese por C. Darwin. A extensão desta descrição para a forma primordial dos homínidos fornece a Freud um ponto de apoio para a sua própria elaboração do momento originário da sociedade. Deve-se lembrar também que as informações disponíveis atualmente, a partir da observação direta de primatas negam as possibilidades do quadro de Atkinson, e daquele elaborado por Freud, serem verdadeiros. No estágio atual da etologia, podemos resumir do seguinte modo os problemas desta argumentação, conforme o levantamento feito por D. Freeman (1976:59):

- a) um bando de gorilas não tem apenas um único macho adulto;
- b) as hierarquias existem nos bandos de gorilas, mas sem que seja observada uma luta que produza ferimentos graves ou fatais;
- c) não se observa o ciúme sexual, e parece que a rivalidade sexual é mais comum entre os humanos do que entre os outros primatas;

d) não se confirmou o postulado de C. Darwin (e de Atkinson) da origem dos grupos sociais estar nas famílias ciclopeanas; as pesquisas atuais parecem negar este postulado.

Confrontando os pontos levantados acima com a narrativa da "horda primitiva" freudiana, citada no início desta seção, vemos que, um a um seus pressupostos são negados. Podemos dizer que atualmente ela é insustentável, devendo ser colocada entre as "projeções fantasmáticas" (1976:59s) e não entre as descobertas científicas.

Retomando a linha de argumentação desenvolvida no último ensaio de TT, teríamos uma conjunção de duas hipóteses: a substituição do pai pelo animal totêmico, e a linhagem comum para o clã, Deus e o animal totêmico. Falamos em conjunção, pois é através da teoria da "horda primitiva" que Freud unifica estas duas hipóteses.

No início do século XX, quando Freud redigiu TT, havia uma diferença entre os dados da biologia e os da Psicanálise, que mostrou-se oportuna para a demonstração de Freud (HARTMANN, KRIS & LOEWENSTEIN, 1976:188-89). É importante ter em conta que as modificações ou revisões das hipóteses biológicas ou antropológicas não levaram Freud a questionar a validade das suas afirmações, ele apenas reforçou o caráter psicanalítico do seu trabalho, negando em parte o seu objetivo de "cooperação", em particular com a antropologia. Isto parece válido tanto para a questão da hereditariedade, que passa a ser postulada em termos psíquicos, por "razões psicológicas" - ao que parece não explicitadas -, quanto para os problemas levantados em relação a "refeição totêmica", conforme mostra a colocação de Freud frente às críticas dos etnólogos em relação a TT: *"Muitas vezes fui veemente criticado por não ter, nas edições mais recentes do livro, modificado as minhas opiniões, pois os etnógrafos modernos rejeitaram unanimemente as teorias de Robertson Smith, substituindo-as por outras, completamente diferentes(...). Não estou convencido nem da justeza destes pretensos progressos, nem dos erros de Robertson Smith(...). E sobretudo, não me considero etnógrafo, mas psicanalista, e tinha todo direito de extrair dos dados etnográficos aquilo de que tinha necessidade para meu trabalho psicanalítico."*

É esta a resposta que Freud dá as críticas que recebeu, em seu livro *O homem Moisés e a religião monoteísta*, vinte cinco anos após a publicação de TT. Ao que parece, Freud não teria desenvolvido argumentos que justificassem a manutenção de suas hipóteses; tudo leva a ver em Freud, o contrário da cooperação interdisciplinar colocada no prefácio de TT, uma reafirmação do lugar de onde ele fala: a psicanálise.

Estariamos, então, frente a uma obra que parece não querer ocupar outro lugar a não ser aquele que é do seu produtor? Naturalmente, TT não poderia ser modificado onde seu autor não o fez ele mesmo, nem sentiu necessidade de fazê-lo. Porém, mesmo considerando que esta obra pertença ao campo da psicanálise, não se lhe pode negar um caráter antropológico, pois o seu objetivo é a explicação da origem do social e do cultural. Por essa razão, e por tratar-se de uma temática que nos interessa enquanto antropólogo, nós parece fundamental discutir esta questão mais detalhadamente.

Freud coloca TT numa situação de *imobilidade* ao não considerar a possibilidade de uma relativização, e muito menos de uma revisão. Há razões de diversas ordens concorrendo para que esta recusa não seja considerada apenas como um "dogmatismo". Na próxima seção examinaremos, rapidamente, as razões que se

referem ao campo psicanalítico da auto-análise de Freud e a construção da teoria psicanalítica. Na última parte deste trabalho procuramos discutir outra perspectiva, segundo a qual a narrativa das origens formulada por Freud tem um valor heurístico e que não deveria ser abandonada, apesar das críticas que levantamos anteriormente; podemos adiantar aqui apenas que trata-se de uma maneira própria de pensar as origens.

“No começo era ...” a auto-análise e a psicanálise

A construção da teoria psicanalítica passa obrigatoriamente pelo Complexo de Édipo, ou melhor pela sua descoberta; costuma-se situar esta descoberta em torno de 1897, a partir das experiências de Freud com seus pacientes e de sua própria auto-análise. Neste sentido, a carta de Freud, citada por D. Anzieu (1985:30), a Wilhem Fliess (15/10/1897) é bastante esclarecedora: *“Somente uma idéia veio-me ao espírito de valor geral. Eu encontrei em mim, como em toda a parte, sentimentos de amor em relação a mãe e de ciúme em relação ao pai, sentimentos que são, eu penso, comuns a todas as crianças, mesmo quando sua aparição não é tão precoce como entre as crianças que se tornaram histéricas- de um modo análogo ao da “romantização” da origem entre os paranóicos, heróis, fundadores de religiões. Se assim for, compreende-se, a despeito de todas as objeções formais que se opõe a hipótese de uma inexorável fatalidade, o forte efeito de Édipo Rei. Compreende-se também porque todos os dramas mais recentes do destino deveriam fracassar miseravelmente. Mas a lenda grega captou uma compulsão que todos reconhecem porque todos o ressentiram. Cada espectador foi um dia, em germe, em imaginação, um Édipo e se apavora frente a realização de seu sonho transposto na realidade, ele treme na medida do recalque que separa o seu estado infantil do seu atual.”*

Nesse momento do desenvolvimento do pensamento de Freud, o que está em questão é, ao mesmo tempo a “compulsão” e o “pavor” pela realização, teatralizada, do parricídio e do incesto, que ele considera como sendo os principais temas da peça *Édipo Rei* de Sófocles (VERNANT & VIDAL-NAQUET, 1988). Para o espectador da peça trata-se de um fantasma, e não a realização própria de um ato, como é o caso na tese de “parricídio originário” de TT. De fato, o “parricídio originário”, para Freud, teria sido realizado uma única vez, e é sob a forma de fantasma que ele será abordado pela psicanálise. Assim, a “realidade psíquica” desse parricídio adquire uma posição teórica fundamental, implicando numa mudança significativa no pensamento de Freud: a passagem da concepção realista de J.-M. Charcot, segundo a qual haveria uma realidade para cada traumatismo sexual, para a constituição do “fantasma”, como novo campo específico psicanalítico. Trata-se de uma transformação decisiva na instituição da antropologia psicanalítica (DADOUN, 1972). A partir do nosso interesse de pesquisa, este momento equivale a colocar em segundo plano as práticas de assassinato do pai, com experiência real, e considerá-lo equivalente a uma morte simbólica, representada, o que pressupõe uma equivalência entre o vivido e o pensado que não deixa de ser problemática.

Para a argumentação de Freud em TT, é suficiente que o ato tenha sido realizado uma única vez caracterizando pela hereditariedade de disposições psíquicas. O afastamento em relação aos dados vivenciais implica aqui num afastamento do sentido cultural que estas experiências possam ter, o que afasta Freud da perspectiva

antropológica. Assim, pelo menos na sua origem, o Complexo de Édipo aparece como uma construção teórica elaborada fora do espaço etnológico. O seu lugar próprio estaria ligado a auto-análise de S.Freud.

No desenvolvimento de TT, Freud é colocado frente a realização do ato. Aliás, ele mesmo levanta entre as possíveis objeções à sua hipótese da horda primitiva, o fato de que, quando se procura os atos que levaram os seus pacientes a certas reações de culpabilidade, não se encontra outra coisa senão pulsões, tendências afetivamente orientadas. O que o leva a seguinte conclusão: "*Le sentiment de responsabilité du névrosé repose sur des réalités psychiques, et non pas sur des réalités matérielles.*" (TT: 182)

Sempre tendo presente que o desenvolvimento de TT está baseado na possibilidade de estabelecer um paralelo entre "neuróticos" e "primitivos", ou, como afirma o próprio S.Freud no seu prefácio: "(...)aplicar a certos fenômenos ainda obscuros da psicologia coletiva os pontos de vista e os dados da psicanálise", como poderíamos entender que S.Freud estabelece para a horda primitiva uma realidade da ordem do *fazer*, e, ao mesmo tempo, ressalta que, para os neuróticos haveria uma realidade apenas psíquica, simbólica, vale dizer, da ordem da linguagem?

Para responder a esta questão é preciso considerar, antes de mais nada, que, se o assassinato do Pai da horda primitiva nunca tivesse sido realizado, não se teria ultrapassado o momento solipsista (nível do sonho). Supondo-se então que S.Freud tomou como modelo (implícito) os resultados que obteve nas análises de seus pacientes, e para que sua explicação fosse coerente seria necessário que o solipsismo fosse quebrado, como no caso do desenvolvimento pessoal. Porém, uma vez realizado este ato, superado o desejo pela sua realização, como explicar que ele tenha chegado até nós?

S. Freud tem então que postular uma hereditariedade de disposições psíquicas adquiridas, as quais se realizam de modo específico para cada indivíduo, dependendo da história pessoal. O que nos recoloca no domínio da psicanálise, acrescido de mais um elemento não verificado pela ciência biológica.

Os argumentos contra a reconstrução da horda primitiva e às teses associadas são, sem dúvida alguma, a parte da teoria freudiana mais veementemente negada. A reconstrução do assassinato do pai, ato primordial da proto-história da humanidade, e a idéia da transmissão hereditária do sentimento de culpa, não encontraram nenhuma verificação científica aceitável. Ela encerra, por outro lado, um valor simbólico muito importante. De fato, há na narrativa de S.Freud uma inversão, ou melhor uma valorização inversa do momento originário, pelo menos em relação à versão judeo-cristã expressa na Bíblia: o homem não perdeu o paraíso por ter "pecado" contra Deus; ele teria se rebelado contra o "déspota" (mortal e culpável) e o teria assassinado. S.Freud teria então revivido o sentido mais antigo e profundo da morte de Deus, e da origem dos fenômenos religiosos, dando-lhe uma expressão científica. Talvez por esta razão, ou seja, pelo valor simbólico (para ele no seu processo de auto-análise, e para a sociedade judeo-cristã em geral) associado ao assassinato do Pai primordial, ele tenha negado toda modificação a TT.

O valor simbólico contido na imagem do pai morto é que explicaria a insistência de S.Freud em manter suas idéias, apesar de todas as fragilidades, segundo J.Lacan (1971:21): "*Si l'on considère (...) la préférence que Freud a gardée pour son Totem et Tabou, et le refus obstiné qu'il a opposé à toute relativisation du meurtre du*

père considérée comme drame inaugurale de l'humanité, on conçoit que ce qu'il maintient par là, c'est la primordialité de ce signifiant que représente la paternité au-delà des attributs qu'elle agglutine et dont le lien de la génération n'est qu'une part. Cette portée de signifiant apparaît sans équivoque dans l'affirmation ainsi produite que le vrai père, le père symbolique, est le père mort."

A "primordialidade da paternidade" de que nos fala J.Lacan, seria então dedutível da *imobilidade* de TT. Enquanto significante, a paternidade teria uma existência para além dos seus atributos, o que equivale a ser *exterior*. Esta exterioridade do simbólico em relação ao homem seria, para J.Lacan a própria definição de inconsciente (DADOUN, 1972:20).

Para compreender-se melhor a "recusa obstinada" de S.Freud, deve-se lembrar da explicação dada por Gérard Mendel. Para G.Mendel, em *La Révolte contre le père* (1968), na época em que TT foi escrito, a principal preocupação de S.Freud era ainda a de assegurar a posição central do "complexo de Édipo" na sua teoria, e o último ensaio de TT teria como objetivo a demonstração de que este complexo seria a raiz de toda realidade social. Isso equivaleria a dizer que a negação do valor científico da narrativa da "horda primitiva" implicaria na desestruturação da emergente teoria psicanalítica. Aliás, o próprio texto da narrativa da "horda primitiva" começa pelo *tempo narrativo por excelência que é o mais-que-perfeito*, como nota C.Backès-Clément (1977:358): *a origem aparece recuada para além de si mesma, indefinidamente.*

Cabe ainda lembrar aqui que E.Jones, respondendo a S.Freud, sobre TT afirma a origem subjetiva desta obra, talvez uma experiência imaginativa vivida por seu autor (DADOUN, 1972:18-19). O assassinato do pai seria então uma expressão de um processo inconsciente do próprio S.Freud, entendendo-se assim a "imobilidade" a que foi condenada TT.

Assim, os primórdios da antropologia psicanalítica representam, para a antropologia, um discurso fixo, que não se relativiza nem incorpora as precisões dos dados de campo. C.Lévi-Strauss, na sua clássica *Anthropologie Structurale*, considerou a psicanálise e, em particular, o Complexo de Édipo como uma entre outras "variantes" do mito de Édipo, ou seja, uma criação cultural sobre um fenômeno a ser explicado. Aliás, mais recentemente, ele apresentou uma visão ainda mais radical, em *La Potière jalouse*: a psicanálise seria uma espécie de *redescoberta* de categorias e processos explicitamente descritos e caracterizados na própria mitologia.

Finalmente, sem discutir aqui a importância das descobertas e modelos da psicanálise, diremos que, para o antropólogo, a generalização do Complexo de Édipo, ou a "edipização", a que se referem G.Deleuze e F.Guattari (1972), aparece como uma redução dos sentidos veiculados pela cultura. O problema enunciado deste modo refere-se as críticas dirigidas a aplicação inicial da psicanálise, porém, a situação atual é um pouco diferente. De fato, o conceito de inconsciente e de Complexo de Édipo receberam formulações mais amplas dentro do campo psicanalítico e absorveram as contribuições de dados etnográficos, como nos trabalhos de G.Róheim (1967) e de G.Devereux (1977), ampliando o seu potencial explicativo e tornando-se um referencial teórico para os estudos antropológicos.

NOTAS

1. Estas reflexões sobre TT foram utilizadas posteriormente na nossa tese de doutoramento intitulada *Aldeias de Jovens: do mundo do parentesco ao universo da política. Uma abordagem sócio-anropológica dos conflitos entre grupos etários em sociedades banto-falantes*, defendida na USP em 1994.
2. Referimo-nos fundamentalmente a aproximação ente a atitude ambivalente face ao pai e ao animal totêmico que discutimos no desenvolvimento do nosso texto.
3. A expressão *ototeman*, oriunda da família linguística *algonkin* (Canadá e E.U.A.), tornou-se um conceito teórico na antropologia no último quartel do século XIX, embora seu uso corrente possa ser datado de aproximadamente cem anos antes. O sentido da expressão parece ser "lelé é da minha parentela", o que em se referindo a um animal postularia, por assim dizer, a continuidade entre o grupo social humano e o animal, ou nos termos de Lévi-Strauss: natureza e cultura, conforme discutimos *infra*.
4. Trata-se de um amplo trabalho, ainda em desenvolvimento, coordenado pela Sra. Roumequère-Eberhardt (CNRS - França), do qual tivemos ocasião de participar entre 1983 e 1985.

BIBLIOGRAFIA

- ANZIEU, D. Extrait de L'Autanalyse de Freud. *L'oedipe: Un Complexe Universel*. Paris, Éditions Sand, 1985, pp.30-40
- BACKES-CLEMENT, C. "Antropologia e psicanálise". IN: COPANS, J. et alii *Antropologia: ciência das sociedades primitivas?*. Lisboa, Edições 70, 1977.
- DADOUN, R. *Géza Róheim et l'essor de l'anthropologie psychanalytique*. Paris, Payot, 1972.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Capitalisme et schizophrénie. L'Anti OEdipe*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1972.
- DEVEREUX, G. *Essais d'ethnopsychiatrie générale*. Paris, Gallimard, 1977.
- FREEMAN, D. "Totem et tabou: une nouvelle évaluation". IN: MUSNTERBERGER, W. (ed.) *L'Anthropologie psychanalytique depuis Totem et tabou*. Paris, Payot, 1976.
- FREUD, S. *Totem et Tabou. Interprétation par la psychanalyse de la vie sociale des peuples primitifs*. Paris, Payot, 1975, 186p (Petite Bibliothèque Payot, 77).
- HARTMANN, H., KRIS, E. & LOEWENSTEIN, R.M. IN: MUSNTERBERGER, W. (ed.) *L'Anthropologie psychanalytique depuis Totem et tabou*. Paris, Payot, 1976.
- JUNG, C.G. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro, 1987.
- L'OEDIPE: UN COMPLEXE UNIVERSEL*. Paris, Éditions Sand, 1985.
- LACAN, Jacques. *Écrits II*. Paris, Éditions du Seuil, 1971.
- MARCUSE, H. La Tendence cachée de la psychanalyse. *Eros et civilisation*. Paris, Les éditions de Minuit, 1963.
- MENDEL, G. *La Révolte contre le père. Une introduction à la sociopsychanalyse*. Paris, Payot, 1968.
- MEZAN, R. *Freud: um pensador da cultura*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.
- POIRIER, Jean. *História da Emologia*. São Paulo, Editora Cultrix, Edusp, 1981.
- RÓHEIM, G. *Psychanalyse et anthropologie. Culture-Personalité-Inconscient*. Paris, Gallimard, 1967.

ARTIGOS

VERNANT, Jean-Pierre & VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*.
São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.